
Jovens, cultura e formas de atuação na universidade: socialidades e solidariedades digitais em tempos de pandemia¹

Tatiana Travassos de MENEZES²
UNIP – Universidade Paulista, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões referentes à dissertação de mestrado em curso que tem como foco as atuações juvenis universitárias no *campus* Osasco da Unifesp. Tomando como base uma noção de cultura como ação política, buscamos compreender aqui formas de atuação da bateria e da atlética ligadas à universidade num momento específico: a recepção dos calouros em maio/2021 num evento online/remoto. Diante de um cenário de distanciamento social, neste artigo verificamos e analisamos as formas de socialidades (Martin-Barbero), vinculação e sentidos de solidariedade digital (Myria Georgiou) na recepção virtual dos alunos ingressantes. A metodologia utilizada foi uma etnografia digital do evento (Beatriz Polivanov, Daniel Miller, Christine Hine), protagonizado pela apresentação da Atlética e da Bateria Universitária Pirateria.

PALAVRAS-CHAVE: culturas juvenis; socialidade; solidariedade digital, etnografia digital

Introdução

Quando pensamos em Universidades, algumas imagens nos vêm à cabeça. Os jovens estudantes, circulando pelos corredores, nas salas de aula, em laboratórios realizando pesquisas, nas festas ou nas atividades esportivas, culturais e políticas. Uma certa memória social/midiática sobre atividades juvenis universitárias de outros tempos e espaços preenchem grande parte de nosso imaginário sobre o que deva ou se espera serem estas formas de engajamento juvenil, suas lutas e pautas culturais, sociais e políticas. Mas como pensar estas atividades num campus voltado para a área de negócios – EPPEN - Escola Paulista de Economia e Negócios (campus Osasco) da Unifesp - Universidade Federal de São Paulo – numa universidade pública e num *campus* localizado na área metropolitana da cidade de São Paulo? Que sentidos de cultura, ativismo universitário, engajamentos políticos ali se reconfiguram? E mais: tudo isso em tempos de distanciamento social e pandêmicos? Estas são perguntas e problemas mais amplos de minha dissertação de Mestrado em curso no PPGCOM da UNIP³. Neste artigo buscamos analisar, tomando como base uma noção de cultura como algo política (Martin-Barbero, 2004), formas de atuação da bateria e da atlética estudantil ligadas à

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação – UNIP – Universidade Paulista. tatiana.travassos@unesp.br

³ Saliento minha vinculação também aos debates e perspectivas do GP URBESOM (Culturas urbanas, Música e Comunicação), ligado a UNIP – do qual sou pesquisadora - coordenado pela Prof.a Dra. Simone Luci Pereira, minha orientadora

universidade num momento específico: a recepção dos calouros em maio/2021 num evento online/remoto.

Quando nos detemos a pensar sobre as atividades acadêmicas dos jovens estudantes universitários, lembramos na maioria das vezes, das aulas e das pesquisas. Isso é comum, pois essas atividades são as que mais aparecem nas divulgações das universidades, e acabamos nos esquecendo de uma parte muito importante, não só da formação acadêmica do universitário, mas da formação como pessoa e cidadão, que são as relações sociais, o convívio entre toda comunidade acadêmica, bem como, tantas vezes seu envolvimento em discussões de cunho político, sejam macroestruturais como também no nível mais local, da própria universidade e da comunidade.

Normalmente grande parte das atividades que fomentam esse convívio social dentro das universidades é promovida pelas entidades estudantis como Atléticas, Grêmios, Diretórios e Centro Acadêmicos, bem como por coletivos mais autônomos, que promovem atividades esportivas, políticas, culturais e acadêmicas, além de organizar as famosas festas universitárias, em que as socialidades e sentidos de pertencimento e identidades juvenis (e muitas vezes de gênero, classe, etnia) são elaborados, performados, reconfigurados.

Esses grupos de jovens estudantes que são organizados em sua totalidade pelos próprios alunos – ainda que com graus diversos de institucionalização - são espaços de ativismos estudantil. Estes coletivos costumam ter forte posicionamento perante as questões políticas e sociais de dentro e de fora da universidade. Esses coletivos acabam se reunindo conforme seus interesses como esportes, música, cultura, e devido às pautas de reivindicações que têm em comum. E neste contexto, formas de socialidades juvenis também vão se construindo, seja através das pautas políticas mais explícitas, seja através das práticas e gostos musicais e culturais, dentre outras vinculações.

Mas como tudo isso vem acontecendo em tempos da pandemia do Coronavírus desde março/2020, uma vez que as atividades universitárias presenciais estão suspensas desde esta época? As atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão continuam acontecendo de forma remota, o que não é usual nos cursos presenciais; mas nos interessa indagar como vêm acontecendo as atividades sociais que envolvem estes sentidos de socialidade e pertencimento. Como ficou o convívio social quando os alunos não estão nos *campi*, não estão podendo sair de casa para se divertir, debater, conviver, interagir uma vez que não têm eventos e festas presenciais para ir? E, principalmente, como aconteceu a recepção desses alunos, que chegaram à universidade no meio da pandemia?

Motivada por esta realidade atípica que estamos enfrentando, onde todas as atividades para os alunos universitários vêm acontecendo de forma remota, pretendo neste artigo relatar e analisar como aconteceu a recepção virtual dos alunos ingressantes da EPPEN – Escola Paulista de Economia e Negócios (campus Osasco) da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo através da apresentação virtual, realizada via Google Meeting, em 06 de maio de 2021 pela AAAUO - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e a Bateria Universitária Pirateria, duas importantes entidades da EPPEN.

No âmbito geral este artigo tem como objetivo verificar como a AAAUO - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco e a Bateria Universitária Pirateria, promoveram as ações para a recepção dos discentes integrantes na EPPEN. E numa visão mais específica, pretendo verificar a questão da presença de um acolhimento desses ingressantes e se a solidariedades digitais com os ingressantes estava presente na atividade de recepção e qual a qualidade delas. Mais ainda, nos perguntamos qual o papel que institucionalidades universitárias podem promover nesta convivialidade e que tipos de limites e perspectivas apresentam.

Unifesp, EPPEN, Atlética e Pirateria – situando a pesquisa

Para começar esse artigo julgo ser importante que conheçam um pouco sobre as entidades que vamos estudar nesse artigo. A Unifesp (2014) – Universidade Federal de São Paulo teve sua origem com a EPM – Escola Paulista de Medicina fundada em 1933 que na época era mantida por meio de recursos privados e subsídios governamentais. Em 1936, o Hospital São Paulo, hoje reconhecido como o maior hospital universitário do país e referência em procedimentos de alta complexidade, foi fundado e veio sanar o problema que a EPM enfrentava de ter um Hospital Universitário. Em 1956 a instituição foi federalizada e em 1994 transformada em universidade federal, dando origem à Unifesp. A partir de 2005, com o programa de expansão do governo federal, a Unifesp implantou novas unidades em municípios próximos a São Paulo. Hoje a Unifesp possui 7 campus – o campus São Paulo que foi fundado em 1933; a Baixada Santista, primeiro campus da expansão, fundado em 2005; em seguida Diadema, Guarulhos e São José dos Campos que foram fundados em 2007; anos depois, em 2011, entrou em atividade o campus Osasco, que hoje abriga a EPPEN – Escola Paulista de Economia e Negócios; e o mais recente, campus Zona Leste, que foi fundado em 2019. Hoje nesses 7 campi, mais a Reitoria, são ofertados um total de 62 Cursos de Graduação, 76 Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu e diversos cursos de Especialização e Aperfeiçoamento dentre outras ações de Extensão e Cultura.

Foi neste contexto de expansão que a Unifesp, com aval do MEC, criou o Campus Osasco, onde está situada a EPPEN (2020) - Escola Paulista de Política, Economia e Negócios que tem proposta de ensino multidisciplinar e interprofissional, buscando manter a excelência e a inovação que marcam a Unifesp em sua longa trajetória de ensino, pesquisa e extensão.

A EPPEN está situada no município de Osasco, região metropolitana de São Paulo e iniciou suas atividades em 2011. Hoje a EPPEN abriga 6 cursos de graduação: Administração, Ciências Atuariais, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Relações Internacionais e o recém-chegado curso de Direito. A EPPEN oferece também com os programas de pós-graduação stricto sensu, Mestrado Acadêmico em Economia e Desenvolvimento e Mestrado Profissional Gestão de Políticas e Organizações Públicas.

A AAAUO (2015) - Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco, foi fundada em 2011, mesmo ano de fundação da EPPEN, e é a entidade máxima de representação e organização das atividades esportivas. A Atlética Unifesp Osasco tem como objetivo promover o lazer e o bem-estar por meio da prática desportiva, mas preocupa-se também com a integração de toda a comunidade universitária com a comunidade local, procurando através de projetos e realizações, junto com outras entidades, incentivar a cultura acadêmica. Em seu site são apresentadas a sua Missão, que “é promover o esporte no ambiente da universidade, além de torná-lo um ambiente acolhedor em que alunos e atletas se sintam bem”, seus Valores que são “integração, inclusão e saúde mental. Por meio deles construímos todos os nossos projetos” e a sua Visão que é “um ambiente universitário mais agradável, saudável e suportável. Além de alunos integrados com a comunidade e causas locais”.

Já a Bateria Universitária Pirateria inicialmente era parte integrante da Associação Atlética Acadêmica Unifesp Osasco, mas em 20 de fevereiro de 2013 se desmembrou e foi fundada a Pirateria, bateria universitária da EPPEN. Antes da pandemia, a Pirateria fazia apresentações em eventos universitários, corporativos e privados. Movidos pelo amor ao samba, a Pirateria, valoriza a democratização do samba e sua continuidade como parte da cultura brasileira, valorizando a inclusão, trabalho em equipe, vontade de aprender e dedicação. Internamente, a Pirateria é dividida em Diretoria Administrativa, que é responsável por criar e implementar projetos da bateria, e a Diretoria Rítmica, responsável por ensinar e manter a qualidade dos ritmistas.

Socialidades juvenis

As personagens principais desta pesquisa são os jovens estudantes de uma universidade federal ligados a coletivos e movimentos universitário.

Os movimentos estudantis já ganharam grande destaque na discussão sobre juventudes, compreendendo as reivindicações específicas do universo estudantil e motivados também a participar de protestos políticos, buscando interferir nos rumos políticos da sociedade. Os movimentos estudantis tiveram início nos anos 1930 e ganharam força na década de 1960 devido ao contexto socioeconômico, contracultural e político da época. Desde a Ditadura Militar no Brasil e, mais recentemente, em 1992 os estudantes secundaristas e universitários tiveram grande participação no movimento que resultou no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello. Nos anos seguintes os estudantes continuaram participando de manifestações defendendo seus direitos e uma melhor qualidade e infraestrutura do ensino. (GROPPO, 2008)

Segundo Groppo (2008) hoje esses movimentos não devem mais ser considerados estudantis, mas sim “movimentos juvenis”, pois nos movimentos não tem mais só a participação de estudantes da USP, ou de outras universidades públicas, sendo sim, parte de movimentos sociais. Hoje, jovens de diversas comadas sociais, estão se mobilizando e tem desejo de atuar mais amplos e articulados em redes. Vale ressaltar que grande parte dessas mobilizações não tem interferência de partidos políticos ou de políticas institucionais, são sim motivados movimentos culturais, artísticos, revoltas sociopolíticas e socioeconômicas.

Borelli e Rocha (2008) analisam coletivos juvenis, principalmente o que estão em grandes cidades, em suas articulações em formas mais autônomas e autogestionárias, marcando estes coletivos marcados com mais independência em relação às organizações formais e institucionais da sociedade. E isso é o que observamos tanto na Atlética como na Pirateria, ainda quela mantenha relação com a universidade.

Quando falamos de socialidades, nos baseamos em Martin-Barbero (2004), que apresenta a socialidade como uma das mediações principais em seu mapa das mediações reelaborado no fim dos anos 1990. Diferentemente da noção clássica sociológica de sociabilidade – que pressupõe interações sociais mais institucionais, fixas, estáveis e de longa duração baseadas na família, religião, locais de origem – a noção de socialidade pressupõe ligações menos estáveis, mais efêmeras, diversas e múltiplas e que parecem apropriadas para compreender as culturas juvenis e midiáticas no contemporâneo. Sem encará-las como algo absolutamente fortuito, despolitizado e vazio, são baseadas em

formas de se vincular na cidade, por meio dos gostos e materialidades culturais e digitais, nas formas de atuar politicamente em que práticas de consumo, ações políticas, performatização das identidades e outras formas de pertencimento atuam na constituição social e nas experiências dos grupos jovens, dentro e fora das universidades e outros locais de ensino.

Esse lugar de menor institucionalização e autonomia juvenil é confirmado quando podemos dizer que o jovem é “uma espécie de ‘*homo vox*’ ou ‘*homo ludens*’, isso é um produto, por excelência de novos significados pelo uso criativos das linguagens” (ZAIDAN FILHO, 2008, p. 33). Zaidan Filho (2008) apresenta alguns princípios que julga ser parte de uma agenda política-pedagógica voltada a juventude em tempos de globalização que reforça essa questão da independência dos jovens. O Primeiro princípio é a oralidade como forma de expressão, que está ligada a forma de ser dos jovens. O reconhecimento e a valorização da oralidade desses jovens é o que faz com que o jovem resgate sua cidadania. A oralidade é fonte das histórias de vida, e mecanismo de construção de identidade coletiva/social destes jovens, é uma expressão artística, que se diferencia da linguagem padronizada. O Segundo princípio é ligado ao modo de vida, cotidianidade, como estrutura social que está ligado diretamente a oralidade, pois está relacionado ao lugar social, onde vive, trabalha, estuda, se diverte e se socializa. Para o jovem, a comunidade tem muita importância, e valorizar o seu modo de vida é reconhecer a formação desse cidadão. O Terceiro princípio é a sociabilidade como fator de aprendizagem. Esse é um fator importante para a cidadania juvenil. É a forma como os jovens se percebem e percebem os outros, gerando assim atributos da política de reconhecimento, associada aos princípios pedagógicos como a autoconfiança, dignidade, autoestima, visibilidade e orgulho. O Quarto princípio é o uso expressivo da linguagem. O aprendizado linguístico dos jovens deve torná-los capazes de se expressar através das linguagens orais, verbais e icônicas. Ser um jovem, cidadão, capaz de usar a linguagem, não necessariamente padronizados pela norma culta, é, sim, forma expressiva. O Quinto e último princípio é saber ler a escrita do mundo. Ler no sentido de decifrar, entender os contextos humanos, pessoais e dar sentido à vida.

Etnografias digitais

Neste artigo nos baseamos nos estudos de etnografias, que há alguns anos vem sendo discutidas sobre o seu uso na Internet, nos meios virtuais, em seus limites e possibilidades. Antes da pandemia, utilizávamos a internet para trabalho, estudo, socialização e lazer, mas

tínhamos uma vida fora das telas; em meio à pandemia está quase exclusivamente restrita ao que acontece nas redes.

Para começar, buscamos precisar um pouco a nomenclatura utilizada para descrever esses estudos etnográficos que vêm sendo realizados através do convívio pela internet que estamos tendo devido a pandemia. Segundo Beatriz Polivanov (2014, p. 65) nos anos 1990 diversos nomes foram criados para “adaptar” os estudos etnográficos que aconteciam nos meios digitais como netnografia, etnografia virtual, webnografia e ciberantropologia. Abaixo apresentamos de modo esclarecedor as principais terminologias referentes à etnografia nos meios digitais:

- **Netnografia:** Neologismo criado no final dos anos 90 (net + etnografia) para demarcar as adaptações do método etnográfico em relação tanto à coleta e análise de dados, quanto à ética de pesquisa. Relacionado aos estudos de comunicação com abordagens referentes ao consumo, marketing e aos estudos das comunidades de fãs. (...)
- **Etnografia digital:** Explorar e expandir as possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, postando o material coletado. Outro objetivo é a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo, mas atinja também um público extra-acadêmico.
- **Webnografia:** Alguns autores o utilizam enquanto um termo relacionado à pesquisa aplicada de marketing na internet, relacionado à questão das métricas e audiências dos sites, principalmente em ambientes de discussão (...) Assim como netnografia, webnografia também é utilizada tanto para pesquisas acadêmicas quanto mercadológicas.
- **Ciberantropologia:** (...) Baseia-se nos conceitos da antropologia ciborgue de Donna Haraway para examinar a reconstrução tecnológica do homem e preparar o etnógrafo para lidar com uma categoria mais ampla de “ser humano” em suas reconfigurações. (POLIANOV, 2014, p.65)

Daniel Miller (2021) em um curto vídeo em que discute a questão dos estudos etnográficos que precisaram se adequar à nova realidade do isolamento que estamos vivendo em virtude da pandemia nos traz importantes reflexões. Miller (2021, p.2) afirma que diante de todas as transformações que o mundo vem passando, “mesmo sob essas restrições, é realmente possível que você possa conduzir uma etnografia tão original, significativa e perspicaz quanto qualquer outra que tenha conhecido.” Miller também lembra que, mesmo antes da pandemia, uma orientanda teve que alterar sua pesquisa etnográfica que acontecia presencialmente, para a forma on-line e via webcam, pois estava distante de seus sujeitos interlocutores, o que impossibilitava os encontros presenciais. A pesquisadora relatava, segundo Miller, que o contato com as mesmas pessoas que antes tinha contato presencial e

agora de forma on-line estava mais aberta, apresentando coisas particulares, íntimas, que antes não contavam.

Enfim, o que podemos compreender nesta discussão sobre o trabalho etnográfico digital ou virtual, é que interações online/virtuais são tão legítimas quanto as presenciais. Em todas elas há mediações, que neste caso, são via tecnologias digitais. Em etnografias presenciais ou digitais/virtuais há a produção de um conhecimento situado, em que o pesquisador é sujeito ativo e explícito na construção deste conhecimento obtido, colocando-se com sua subjetividade e perspectiva ao analisar interações, formas de convívio, olhares e sensações sobre o mundo de seus grupos pesquisados. No acompanhamento online das atividades juvenis universitárias que temos observado, fica clara a noção de Hine (2015) quando analisa o que ela chama de Internet 3Es, (*embedded, embodied and everyday*) traduzida ao português como permeada, incorporada e cotidiana. Estes três aspectos são entendidos tanto como características da nossa relação com a internet hoje, como são também três formas de se aproximar do campo etnográfico online, ou ainda formas de abordar e compreender os grupos analisados.

Isso se articula à questão das solidariedades digitais em tempos de pandemia, como trabalhado por Georgiou (2020). A autora realiza uma discussão sobre as solidariedades digitais, espaço público e pandemia, argumentando que nesse momento que enfrentamos da pandemia, que estamos distantes e temos que ser preocupados e cautelosos mesmo mantendo distância das pessoas que fazem parte dos nossos meios sociais, há uma movimentação e dinamização de formas de apoio, colaborações e solidariedades com outras pessoas de uma forma virtual. Segundo Georgiou, existe um paradoxo, pois esse fechamento da vida pública que estamos enfrentando nas cidades, e, portanto, nas universidades, fechadas há mais de um ano, faz com que essa separação física que estamos obrigados a vivenciar, nos leva a criar e recriar formas de estarmos mais próximos. E acredito que essa necessidade faça com que os alunos envolvidos nas entidades estudadas se preocupem com essa aproximação

Georgiou (2020) diz que as redes de grupos de ajuda mútua começaram a ficar muito visíveis no Reino Unido no início de março de 2020, com grupos concentrados inicialmente na região central de Londres, e que em poucas semanas se transformaram em milhares de redes locais de solidariedade, e outras micro-redes que são organizadas por WhatsApp e estão espalhados por todo o país. Em sua maioria essas redes estão organizadas dentro das cidades. Hoje estima-se que dois milhões e meio de pessoas estão envolvidas em pelo menos um desses grupos de ajuda mútua.

Baseado nos estudos da etnografia virtuais pretendo verificar a hipótese da presença do acolhimento e de formas de solidariedade digitais presentes na apresentação da Atlética Osasco e da Pirateria na Recepção de Ingressantes de 2021 dos alunos de graduação da Unifesp. Mais ainda de que tipo de solidariedades digitais estamos falando e como elas podem se construir neste contexto, buscando perceber de que maneiras se expressam ou se desdobram em outras ações.

Evento de recepção online da Atlética e da Pirateria: algumas reflexões

Devido à Pandemia de COVID-19 a Unifesp realizou em 2021 o evento virtual de “Recepção de Ingressantes de 2021” entre os dias 05,06 e 07 de maio. O evento teve como alvo recepcionar virtualmente os ingressantes dos cursos de graduação de toda a instituição, de forma que acontecesse uma socialização com toda a comunidade acadêmica. Foram realizadas apresentações que promoveram o diálogo entre direções, coordenações de curso, entidades estudantis e coletivos. A Atividade Atlética e Pirateria, aconteceu no dia 06 de maio de 2021, às 20 horas, através do Google Meeting.

Para realizar esse relato de inspiração etnográfica participei da apresentação on-line ao vivo, fazendo algumas anotações de pontos que me chamaram a atenção. Neste acompanhamento da apresentação ao vivo, o que mais apareceu em minhas anotações foi a importância que os alunos veteranos dão ao bem-estar dos calouros que estavam chegando. Ficou evidente uma preocupação de que esses novos alunos estivessem acolhidos. Após alguns dias, para finalizar a análise para esse artigo, assisti novamente a gravação da apresentação, o que só reforçou a minha primeira impressão sobre a importância do acolhimento aos ingressantes. Não tive acesso à gravação do chat, mas no decorrer do evento ele foi pouco utilizado, apenas para a divulgação de alguns links de vídeos de festas ou eventos, formulários de interesse da atlética e páginas de redes sociais. O evento não teve a participação dos novos alunos, ficou mais centrado na apresentação dos atuais integrantes da Atlética e da Pirateria.

Acessei o link disponibilizado para a apresentação um pouco antes do horário marcado para iniciar a apresentação, e pude presenciar a invasão hacker que a sala divulgada para o evento estava sofrendo. Os invasores não permitiam que a apresentação começasse, com os invasores compartilhando a tela, via apresentação de uma espécie de clip musical. Como várias pessoas estavam com microfone aberto e falando ao mesmo tempo não foi possível identificar a música que estava sendo apresentada, apenas que era um funk e no chat, vários sinais gráficos, que para mim não faziam o menor sentido. A organização central do evento criou uma nova sala para a transmissão do evento, que depois aconteceu nem nenhuma intercorrência. A

apresentação teve um público flutuante com a participação de aproximadamente 80 pessoas, em sua maioria composta pelos alunos ingressantes e pelos membros da Atlética e da Pirateria, tendo durado aproximadamente uma hora.

O evento começou com a apresentação da Atlética, onde foi exposto o seu objetivo geral que é promover o esporte dentro da universidade, ou seja, que eles incentivam a prática esportiva, financiando os times por meio de eventos e festas. Em seguida foi apresentada uma foto, com a montagem de todos os participantes da “Gestão Dez”. Foi necessário a montagem pois a equipe da atual gestão teve início após a suspensão das atividades presenciais, e ainda não tiveram a oportunidade de estarem todos juntos.

Uma parte que senti bastante nostalgia foi quando as festas foram apresentadas; ficou claro na fala de todos no decorrer da apresentação a falta que eles sentem de estarem juntos, confraternizando e se divertindo nas festas. Foram mostrados fotos e vídeos de fotos que aconteceram nos últimos anos e fazem parte do calendário de festas da Atlética. São elas: Porto Angélica, uma festa de rua, que acontecia na frente da universidade a primeira festa para recepção dos calouros. Nos vídeos e fotos apresentados dessa festa me chamou a atenção a presença de sinalizadores vermelhos e as pessoas vestindo preto e vermelho, cores utilizadas nos uniformes da Atlética e da Pirataria, assim como o som constante da Pirateria ao fundo; Mundo Mágico de Oz, uma festa à fantasia, que acontece em um circo próximo a universidade, é que comemora o final do primeiro semestre; e Terra à Vista, segundo eles a festa mais importante, pois sempre acontece em lugares com mais estrutura e com atrações contratadas, como DJs. Falaram também das *Happy Hours* que acontecem mensalmente com a função de arrecadar dinheiro para os times e manter o caixa positivo, e notei novamente a presença da batucada da Pirateria e dos tradicionais sinalizadores vermelhos da Porto Angelica.

A partir desse momento na apresentação comecei a perceber a presença da solidariedade nas atividades desses coletivos. A Atlética falou um pouco sobre das ações que eles promovem, como a Páscoa Solidária, evento promovido pela Atlética que normalmente acontece nos meses de março e abril e promovem distribuição de ovos de pascoa, docinhos e chocolates em alguns orfanatos na região de Osasco. O Sinta-se em Casa - Semana de Saúde na Quarentena é um projeto de palestras para comunidade em geral, tanto interna como externa à universidade, com o objetivo de conscientizar a comunidade sobre a importância da saúde física e mental em período de isolamento social. Os eventos contaram com a participação de profissionais da área da saúde, educação, nutrição, psicologia e outros a fim de trazer mais informação e conhecimento para todos. Para que os calouros tenham acesso a essas palestras foi informado que elas continuariam disponíveis no Instagram da Atlética. E a Operação

Inverno, outra ação que acontece todos os anos, quando a Atlética arrecada agasalhos e outros itens para as pessoas em situação de vulnerabilidade que não tem condições de comprar os próprios agasalhos ou não tem condições de se aquecer no frio do inverno. A Atlética faz arrecadação dentro e fora da universidade e doa esse material arrecadado. Em 2020 a ação não foi realizada em virtude da pandemia.

Em seguida, a Atlética começou a apresentação de suas atividades ligadas aos torneios em que participam. O grande destaque é o InterUnifesp, que é torneio esportivo entre os *campi* da Unifesp, chamado carinhosamente por todos de apenas Inter. Pelo que todos falaram esse é o grande evento. Todos que já participaram e os que ainda não participaram, consideram ele como “surreal”, um momento de integração muito grande entre os *campi* da Unifesp, com exceção da Medicina (EPM) que não participa. Só quem já participou de jogos universitários sabem o quanto eles são divertidos, pois reúnem em um fim de semana ou feriado a possibilidade de estar com os amigos, em festas, torcendo pela sua universidade em um ambiente descontraído e de integração.

Antes da apresentação mais detalhada dos esportes praticados e promovidos pela Atlética, percebi o início do acolhimento, da solidariedade com os alunos ingressantes, quando eles foram parabenizados pela grande conquista de ingressarem em uma universidade federal, pela sensação incrível de ter sido aprovado; e foi dado o conselho aos calouros para que aproveitem esse momento que a vida universitária proporciona, deixando claro que a vida na universidade vai muito além de uma sala de aula. Foi sugerido para que os calouros aproveitem tudo que a universidade proporciona, que façam parte da Pira (Pirateria), entrem para a Atlética e para os times, e aproveitem de verdade tudo que é oferecido.

Após a apresentação das atividades, mais uma vez percebi a empatia dos veteranos com os calouros que estão ingressando em um momento tão atípico, onde as atividades são EAD, tudo fica mais confuso e o contato pessoal acaba se perdendo nas atividades acadêmicas. A Atlética reforçou que a participação nos times é uma ótima oportunidade para que os calouros possam se integrar, conhecer e conviver com os veteranos, para começarem a se sentir parte da universidade. Foi reiterado o convite para que os calouros, mesmo sem saber jogar, entrem para os times, que a Atlética ensina do zero, e que tantos os atletas, como os técnicos estão preparados e ansiosos para receber os calouros. Foi divulgado no chat o link de um formulário online para que os alunos que tenham interesse se inscrevam e comecem a fazer parte da atlética e que em breve os ingressantes possam ter essa sensação de “vestir de fato a camisa”.

A questão da participação na Atlética foi reforçada mais uma vez como uma oportunidade de os calouros conhecerem um pouco melhor da universidade. Alguns dos times

estão treinando agora na quarentena, mesmo à distância, e é um “refrigera” para a semana turbulenta, principalmente agora, nessa fase que estamos passando. Os times têm aproveitado bastante para entender um pouco da teoria do Esporte. O convite foi refeito mais uma vez para os calouros participarem da Atlética e dos times e mais uma vez foram dadas as boas-vindas aos ingressantes, lembrando que devem aproveitar muito essa nova fase.

A apresentação da Pirateria começou parabenizando os ingressantes e dizendo que se recordavam o quão emocionante é quando se ingressa na universidade que queria entrar, e reforçou o que foi dito pela Atlética: que esse é um momento muito bom, quando se está saindo do ensino médio, entrando na vida profissional e em que se conhece muita coisa nova. Reforçaram que há muita entidade interessante para participar na EPPEN, onde se conhece muita gente diferente.

Em seguida fizeram uma breve apresentação do que é a Pirateria e o que é uma Bateria Universitária (BU), quais são os instrumentos que tocam e se utilizam. Narraram também a evolução das BUs no cenário nacional e alguns eventos de que participam, como Balatucada, o maior torneio de BU de São Paulo. Foi também ressaltado na apresentação a grande união que acontece entre as BUs e as Escolas de Samba, promovendo o entrosamento em diversos eventos, onde diversos membros da EPPEN participam. Durante toda a apresentação, assim como na da Atlética, foi possível notar as saudades que todos têm dos encontros presenciais que não estão acontecendo nesse momento.

A Pirateria se orgulha muito de sua própria festa, a Rubro Negra, que acontece uma vez por ano, e hoje é a maior festa de toda a Unifesp. Essa festa não se restringe somente ao público do campus Osasco ou da Unifesp, mas envolve toda a comunidade de BUs e algumas Escolas de Samba.

Durante toda a apresentação da Pirateria ficou muito evidente o acolhimento, não só aos calouros que estão chegando em uma situação atípica, mas sim, entre todos os integrantes da Pirateria; em todas as falas ficou bem claro essa proximidade. Foi ressaltada a felicidade na participação da Pirateria nos eventos da Atlética, ou outros que participam, onde sempre que se escuta o “Tá TiCaTá” que é a trilha sonora das festas, sempre são lembrados momentos em que todos estão felizes, e esse som que está ao fundo é a Pirateria. Foi enfatizado ainda pela Pirateria que, para ser integrante, não há a necessidade de saber tocar nenhum instrumento, que eles ensinam tudo desde o básico. E que integrantes da Pirateria chegaram sem saber tocar nada e hoje são integrantes de Escolas de Samba.

No final da apresentação foi dito algo que eu já havia notado implicitamente nas falas e relatos: que quando se entra para a Pirateria, entra-se para a família. Um dos integrantes fez até

uma brincadeira que todos são uma grande família da “Vih Tube” (participante do BBB que no decorrer do jogo falava que os outros participantes eram da família), e que até os ensaios da Pirateria acontecem aos domingos, dia de estar com a família, e todos participam sem reclamar como se fosse um verdadeiro encontro de família.

Os membros da Pirateria se colocaram à disposição através das redes sociais para que os calouros entrassem em contato e que nessa apresentação eles não se preocuparam em focar em o que a Pirateria toca ou que se tenha que aprender a tocar um instrumento. Tentaram focar no que é mais importante do que tudo para eles: que todos que entraram na Pirateria tem esse sentimento, do acolhimento, que é muito importante para quem está entrando na universidade agora, principalmente na situação que estamos da pandemia, que não está fácil para ninguém a situação de distanciamento e do EAD que não promove contato presencial com as pessoas. Salientaram, assim, que a Pirateria é para além do tocar um instrumento, algo sem dúvida importante e interessante. Mas, para além disso, é estar num lugar que você sabe que as pessoas vão te acolher, e que você vai ser bem tratado, vai fazer amigos, amigos que você vai levar para sua vida inteira.

Ao final mostraram um vídeo do dia a dia da Pirateria, para o além do tocar instrumentos. No vídeo mostraram imagens desde o começo da Pirateria, com vários momentos de integração, nas festas, campus, metrô, jogos, competições, apresentações.

Na apresentação da Atlética Osasco, e principalmente da Pirateria, ficou claro a preocupação que esses coletivos têm com os alunos recém-chegados a universidade, que fica mais agravado ainda com as atividades acontecendo de forma remota. Podemos ver fenômenos parecidos com esses no âmbito da solidariedade nas entidades; a todo o momento, tanto a Atlética quanto a Pirateria insistiam para que os calouros participassem das redes criadas especificamente para a recepção do ingressantes, como também ingressassem nas atividades também desenvolvidas por eles. Desta forma, procurando um interesse em comum, um esporte, um instrumento, ou pelo simples fato da integração os calouros têm a oportunidade de serem solidariamente recebidos por esse novo grupo, que poderá ajudar nessa fase de adaptação do contexto universitário. Em todas as falas fica claro a vontade de bem receber os novos, em ajudar não só no que diz respeito as entidades que participam, revelando o desejo de construção de socialidades, identidades coletivas e formas de atuação em rede.

Percebemos também a presença da solidariedade digital no âmbito da recepção dos alunos ingressantes, e reverberando as noções de Georgiou (2020), que um dos focos da solidariedade digital nesse contexto de crise causada pelo distanciamento social, é não somente

a prestação de apoio, como doações de medicamentos, alimentos, mas também apoio emocional e de formação de vinculação e sentidos de coletividade para aqueles que precisam.

Considerações finais

Diante o que foi apresentado neste artigo, pude confirmar a presença de formas de solidariedade digital na apresentação da Atlética Osasco e da Pirateria. Ambas as entidades se mostraram preocupadas em bem receber os alunos ingressantes, e se mostraram dispostos a ajudar nesse momento em que tudo é novo. Pela apresentação, parece que essa já era uma característica dessas entidades.

Na Atlética percebi um acolhimento por similaridade de interesses, o gostar de esportes, mesmo deixando claro que para participar das atividades não é preciso saber jogar, que eles ensinam tudo, mas fica claro que o objetivo da atlética está ligando as atividades esportivas. Um ponto fora da curva das atividades desenvolvidas pela Atlética, são as ações sociais, que demonstram uma preocupação com o próximo.

Já a Pirateria, mostrou esse acolhimento, pela proximidade pessoal, a amizade, e a família, mencionada algumas vezes durante a apresentação, que eles formam. Na minha percepção, eles privilegiam os contatos sociais, as relações pessoas entre eles. Se mostraram mais disponíveis para as interações da solidariedade digital com os pares, os calouros que estão chegando à universidade em um ambiente totalmente adverso devido a pandemia.

Uma coisa mostrou-se clara: independente se o ingressante goste mais de esportes, e junte-se a Atlética, ou goste mais do samba e junte-se a Pirateria, ou não goste de nenhum dos dois, ambas as entidades estão de braços abertos para receber esses calouros e ajudar no que for possível.

Assim, neste evento analisado percebemos formas de articulação entre ações culturais/políticas de jovens universitários e seus desafios e possibilidades, tanto ocasionados pela pandemia e o distanciamento social imposto, como também na formulação de formas outras ou novas de ativismo estudantil nas Universidades, apontando sentidos de compreensão do que sejam estas socialidades para estes jovens, o que sejam as vinculações no ambiente da universidade e, no limite, na reconfiguração do que sejam as ações culturais/políticas juvenis universitárias na contemporaneidade e no contexto analisado.

Referências bibliográficas

AAAUO – ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA UNIFESP OSASCO. **Home**. 2015. Disponível em: <https://atleticaunifesp.osasco.wordpress.com/>. Acesso em: 15 junho 2021.

BORELLI, S.; ROCHA, R.M. Juventudes, mídiatizações e nomadismos: a cidade como arena. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 5, n. 13, p. 27-40, 2008. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/125/126>. Acesso em: 25 julho 2021.

EPPEN. **Apresentação**. 2020. Disponível em: <https://www.unifesp.br/campus/osa2/eppen-novo/apresentacao>. Acesso em: 15 junho 2021.

GEORGIU, M. **Solidariedades digitais, espaço público e pandemia**. (Palestra). 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wLR9yAJVvyU>. Acesso em: 16 junho 2021.

GROPPO, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. Sob o impacto de novos movimentos estudantis. In: **Juventude e Movimento Estudantil: Ontem e Hoje**. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2008.

HINE, C. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

MARTIN-BABERO, J. **Ofício de cartógrafo – travessias latino-americanas na comunicação**. São Paulo: Loyola, 2004.

MILLER, D. **Notas sobre a pandemia: como conduzir uma] etnografia durante o isolamento social**. 2021. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller/>. Acesso em: 17 de junho 2021.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, v. 1, n. 3, 2014. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>. Acesso em: 18 de junho 2021.

UNIFESP. **Apresentação**. 2014. Disponível em: <https://www.unifesp.br/institucional/institucionalsub/apresentacao>. Acesso em: 15 junho 2021.

UNIFESP. **Recepção 2021**. 2021. Disponível em: <https://estudantes.unifesp.br/recepcao>. Acesso em: 15 junho 2021.

Z Aidan Filho, M. Juventude, cidadania e globalização: notas para uma agenda político-pedagógica. In: GROppo, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L (orgs). **Juventude e Movimento Estudantil: Ontem e Hoje**. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2008.